

17

BARROCO

INTERCURSO BARROCO: PORTUGAL/BRASIL/MINAS GERAIS
TEMAS DE MENTALIDADE E INTERARTES
MESTIÇAGEM LATINO-AMERICANA E IDENTIDADE BRASILEIRA
GREGÓRIO E A CIRCULARIDADE CULTURAL NO BARROCO
ECLETISMO, NEOCOLONIAL, MODERNO
HÉLIO GRAVATÁ EM MEMÓRIA



7. Criada da direita. Santa Ceia – Casa do Caraça .
Infravermelho. Notam-se linhas do esboço não
acompanhadas pela pintura.



8. Criada da esquerda. Santa Ceia – Casa do Caraça.
Fotografia normal, vendo-se por uma transparência:
linhas de dobras do panejamento e arrependimento do
artista – pés esquerdo e direito.

Teatro da Morte e da Glória: Francisco Xavier de Brito e as Exéquias de D. João V em Ouro Preto

José Manuel Tedim

ESTE TRABALHO do Professor José Manuel Tedim, do Departamento de Ciências Históricas da Universidade Portucalense, Portugal, vai incluído na secção BRASIL/MINAS GERAIS, das comunicações apresentadas ao II Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte, por constituir importante contribuição para o estudo específico da história cívico-religiosa e, portanto, da mentalidade barroca mineira do século XVIII. Tratando de documento alusivo às celebrações, na Capitania de Minas Gerais e, mais precisamente, em Vila Rica das solenes exéquias realizadas em 1751 pela morte, no ano anterior, em Portugal, do rei Dom João V, vem somar-se ao estudo de Affonso Ávila – “As barroquíssimas exéquias de Dom João V”, publicado originalmente na revista *BARROCO* n.º 3, 1971, e inserido depois no livro *O Lúdico e as Projeções do Mundo Barroco*, São Paulo, Editora Perspectiva, 1971 (2.ª ed. 1980 e 3.ª ed. 1994) – Coleção Debates, 35, estudo que aborda a ocorrência de celebrações idênticas na Vila de São João del-Rei. No mesmo estudo, o diretor de

BARROCO alude, em referências, à realização de solenidade exequial por igual motivo na cidade de Mariana. Quanto à de Vila Rica, havia ele localizado, com auxílio da pesquisadora Mônica Massara, breve registro documental, em códice do Arquivo Público Mineiro, que dá como autor do projeto do “monumento fúnebre” então levantado na sede da Capitania do Ouro o artista Francisco Xavier de Brito, notável escultor da capela-mor da Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto. Entretanto, com a sua valiosa descoberta, na Biblioteca Nacional de Lisboa, do documento descritivo da celebração funeral de Vila Rica em 1751, o Professor José Manuel Tedim acrescenta nova dimensão, com a “Breve descrição” por ele revelada e aqui transcrita ao fim de sua comunicação, ao enfoque de aspecto lúdico-dramático bastante definidor do espírito barroco transplantado pelos colonizadores portugueses: a encenação ritualésca e teatral da morte.

Segundo declaração do Professor José Manuel Tedim, preparava ele, à época de sua comunicação ao

Colóquio de 1992 em Ouro Preto, trabalho mais aprofundado de análise e interpretação do documento descoberto na Biblioteca de Lisboa, trabalho que se espera

venha a ser logo publicado, de modo a enriquecer a bibliografia concernente à história da mentalidade e cultura mineiras do Século do Ouro e do Diamante. (NR)

DOCUMENTO AGORA REVELADO

Homenagear os “grandes” em vida, rodeando-os, sempre que apareciam em público, numa áurea de triunfo e glória foi uma constante do mundo Barroco. Portugal, na primeira metade do século XVIII, teve, à frente dos seus destinos, um monarca, D. João V, que, melhor que ninguém, compreendeu a importância do fausto, do espetáculo, na manutenção dum poder autoritário, sem o ser, e na manipulação das consciências, orientando-as para valores como obediência, respeito, memória, etc.

Deste contexto fazem parte as festas fúnebres que começam com o anúncio da morte do monarca – “Quebrar dos Reais Escudos” – e terminam com o “Teatro da morte e da glória”, que constituem as exéquias. A morte de D. Pedro II, em 1706, e da Infanta Dona Francisca, em 1736, assinalam dois momentos grandiosos no âmbito destas festas fúnebres na primeira metade do século XVIII. Quando morre D. João V, 31 de Julho de 1750, e tal como tinha acontecido com as duas efemérides anteriores, por todo o país e possessões ultramarinas se sucederam importantes manifestações de pesar, acompanhadas, em alguns casos, de imponentes exéquias, mandadas celebrar pelos Senados das Câmaras, párcos, mosteiros e muitas outras instituições político-religiosas. O Senado de “Villa Rica de Ouro Preto, cabeça de todas as das Minas”, à maneira do que aconteceu noutras vilas e cidades brasileiras, propõe

que se faça, com toda a pompa e magnificência e na Igreja de Nossa Senhora do Pilar, exéquias fúnebres, contratando para tal o insigne entalhador Francisco Xavier de Brito.

Concebeu o artista um programa de ornamentações efêmeras, laudatórias umas, evocativas e moralistas outras, que pretendiam fazer respeitar “igualmente a memória na elevação do objecto” e fazer “pública na ostentação a saudade que lhe consagrava os corações”. Serviu-se da fachada e interiores da Igreja de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto, alterando-os pela introdução de retratos, tarjas com emblemas, caveiras, esqueletos, estátuas alegóricas, mausoléus, altares, etc. etc.

Todas estas manifestações foram descritas e delas conhecemos um importante documento manuscrito, de autor anónimo, com o título “Breve descrição ou fúnebre narração do sumptuoso funeral e triste espectáculo que em Villa Rica de Ouro Preto, cabeça de todas as das Minas, celebra o senado dela à gloriosa memória do Sereníssimo Rey D. João o Quinto, sendo assistente a elle o ouvidor geral e o senado da mesma, no dia 7 de Janeiro de 1751”, que acrescentado às informações das exéquias fúnebres em honra deste monarca que decorreram em S. João d’El-Rei, constituem preciosa informação para a História de Minas Gerais e revelam-nos outra faceta do grande entalhador Mineiro Francisco Xavier de Brito.

DOC.

*Breve descrição
ou funebre narração*

*Do Sumptuosos Funeral e triste espectáculo
Que em Villa Rica de Ouro Preto
Cabeça de todas as das Minas
Celebra o Senado Dela à gloriosa
memória do Sereníssimo Rey D. João o Quinto
Sendo assistentes a elle o Ouvidor geral
e o Senado da mesma no dia 7 de Janeiro
de 1751*

Descrição

*Barbara (sic), ou mais que inhumanos forão sem
dúvida os costumes de alguns gentios, que esquecidos da
sua própria natureza, se lembravão dos que morrião menos
para a estimação que para o desprezo; huns lançando-os
entre as feras e caens, que para isso creavão como os
Hyreanos (sic), outros arrojando-os nos lugares mais
immundos, como os Sabeos (sic), e mais que tudo tendo por
cousa indigna e preversa os Albanos o cuidado dos mortos.*

*A estes incitavão diversamente outros muitos sendo
entre elles menos barbara, ainda que barbaros os
Calacianos, e os Saythas, a quem servião de iguaria nos
seos banquetes os corpos dos que morrião, segurando
melhoralos de sepultura nos seos ventres e julgando ser
mais nobre de convertelos na sua propria substância e
darlhes por este modo hua nova vida.*

*A estes seguem ainda hoje os Tapuyas deste Paiz,
praticando o mesmo com as crianças recém nascidas, e
com os adultos outras mais naçoens do gentio, que não
longe daqui existe, ainda dentro desta camara, e se
praticava nestes mesmos lugares em que vivemos ha pouco
mais de 50 annos, asseverando estes estar posto na boa
razão que tenham os mortos por tumba o mesmo berço em
que gozarão a primeira vida, e que não pode haver signal
de maior amor para com os que se ausentão desta vida
para a outra, que incorporados em suas entranhas.*

Assim vivião e como vivião acabavão e erão tratados

*estes barbaros em que ou estava violenta a racionalidade
ou não havia mais natureza que a de brutos. Outra porem,
ou menos barbara, ou mais preciosa, não só passarão
cuidadosos a enterrar e honrar os mortos, mas juntamente
a acompanhar-lhes o afastamento com sentidas mágoas e
tristes lamentos, manifestando a sua saudade na pompa e
ostentação com que lhes celebrão exéquias e lhes
edificavão soberbos e magníficos obeliscos para eterno
depozito de suas cinzas, querendo tão bem que com este
illustre, ainda que lúgubre aparato correspondessem na
morte as ostentações às illustres acções que em vida
obrarão, como justo prêmio dellas, e como crédito da
nobreza e dignidades de que gozavão.*

*Entre todos se avantajarão mais os Egípcios nos
famosos obeliscos e soberbas pyramides com que fizerão
celebrada a sua capital, cidade de Menphis, tendo menos
cuidado das casas em que vivião, a que chamavão estalajes
pela brevidade do uso dellas respeytando à eterna duração
da sepultura. Embalsamavão os corpos dos que morrião
com preciosos aromas e sobre elles lamentavão e choravão
por espaço de 40 dias de cujo costume acaba o texto
sagrado, e que na forma delle enterrara Joseph a seo pay
Jacob, cujo cadáver deosculara (sic), e chorara, e passados
os 40 dias de pranto, acompanhado de toda a nobreza do
Egipto em grande multidão, sahira com o mesmo cadaver
para a terra de Arão, junto ao jordão, aonde por espaço de
7 dias lhe fizera exequias com enexplicável pranto de todos,
passados os quaes fora levado à terra de Canaan, onde em
especial sepultura fora depositado.*

*Esta mesma magnificência de tratar a memória dos
mortos achamos nos Machabeus em que se lê que Simon
Rasi, filho de Mathathias, fizera construir para seus pays e
irmans hum magnifico sepulchro de mármore com 7 pyra-
mides, para elles, cercadas de grandes columnas, sobre as
quaes se figuravão armas e insculpirão naves para eterna
memória delles. Assim forão tambem magníficos os
funeraes nas mortes de David e Salomão, e na de Christo
vemos tambem fora amortalhado entre aromas e
depositado em hum novo e particular monumento.*

*Destes mesmos costumes e honras funeraes usavão
outras muitas nações do Mundo de que he admirável
testemunha o sepulchro de Mausólo, Rey de Caria, fabri-*

cado na cidade de Halicarnasso capital daquelle Reyno, por ordem da rainha Artemisia, sua mulher, sendo pela sua grandeza contado por h̃a das 7 maravilhas do mundo.

Digão-nos os Gregos e Romanos no cuidado e piedade com que tratavão os mortos que choravão por 7 dias depois, na forma da disposição de cada hum, erão enterrados ou queymados, sendo primeiro ungidos com preciosos unguentos e levados com muita demonstração e cerimônias de sentimento ao lugar do depósito, que fabricavão primorosamente para crédito e eterna duração de suas cinzas e preservação da corrupção de sua memória, sendo entre os mais illustres não vulgares os ritos, permitindo-se só a estes a oração fúnebre que na Praça mais pública recitava o filho ou parente mais chegado. As estátuas de seos ascendentes, e outras mais especialidades com que patenteavão a diferença que em vida tiverão. Sendo tanta a veneração e respeito com que tratavão ainda as mesmas sepulturas dos mortos que por ley as julgarão sagradas e por inexpiable e sem perdão a maldade de violalas de que nacerão os titulos que deixarão nas colleccões de direito.

Isto porém, que então foi effeyto de supersticiosa gentilidade, se converteo depois em acto de religião e piedade Christan, sendo tão liberal, como grata para com os mortos e ostentando este louvável costume em solemnes exéquias, e fúnebres pompas, como magnifica lembrança de suas memórias, correspondendo sempre as demonstrações e os sentimentos no excessivo ao elevado dos objectos a que se offerecião.

Tal foi a sumptuosidade com que nesta villa Rica do Ouro Preto celebrou o Senado della à saudoza memória da morte do Serenissimo Rey D. João o 5º, que em glória descansa, sucedida no dia 31 de Julho do anno passado.

Com esta tristissima notícia, foi inexplicável a mágoa nos corações destes habitantes, e comensurando-a pela perda, a julgavão sem alívio e sem reparo. Acompanhavão as lágrimas os suspiros, não como desafogos da pena, mas como produçoens da alma nos ultimos alenttos da vida. Choravão outro melhor Abner, illustrando assim nos merecimentos delle os quilates do seo amor e da sua obediência e lamentando desfeytos aquelles grilhões de ouro, com que fazião suave o cativeyro e gostosas as

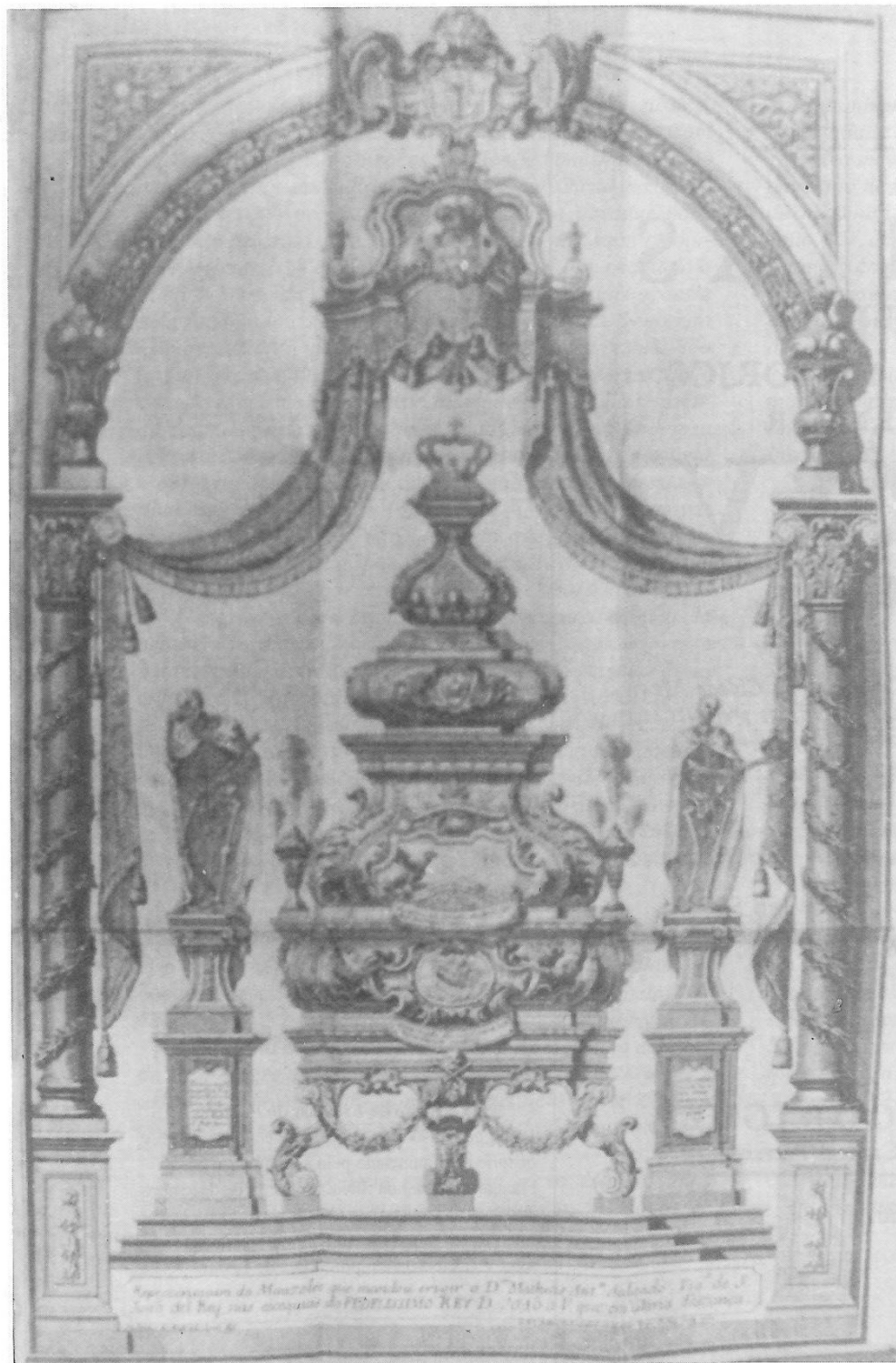
prizoens da liberdade, lá nesse templo de S. Vicente, como melhor Cabo e ultimo centro da sua pena lhe offerecião os coraçoes reverentes, cultos e consagravão à sua memória saudosos obséquios, melhorando no sagrado das suas veneraçoes, aquellas, com que em outro Cabo de S. Vicente mostrarão os primeiros portuguezes mais supersticiosos saudozas memórias sobre o sepulchro de Tabal, cujas cinzas veneravão com tanto respeito que, julgando por Sagrado aquelle Cabo, a que denominarão Promontório Sacra, nem a pisarlhe a terra se atrevião.

Lamentavão a perda de hum princepe em que sobejarão os acertos aos annos e faltarão as felicidades na repetição dellas. Na juvenil idade de 17 anos, tomando posse do governo, e mostrando antecipada a rasão ao tempo, felicitou o futuro nas gostosas esperanças de que encheo os seus vassallos. Sendo Senhor dos seos vassallos, menos se governou pelas paixoes naturaes que pelas razoens politicas.

Extinguii prudente a guerra, como duro flagelo dos povos e substituiu politico a paz como gostosa felicidade delles, fechando no anno de 1713, como melhor Jano, de h̃a vez as portas do templo que nunca mais se abrirão. Reconheceo no culto para com Deos que elle era o Senhor dos Reys e delle como primeiro principio dimanavão todas as felicidades, e nesta atenção melhorou os seos acertos com influxos de causa tão superior. Teve o Reynar mais por prudência o firmou mais com a Religião e com a justiça fazendo ainda nas partes mais remotas que ambas se respeitassem com amor e veneração. Soube advertido conciliar a liberalidade com a parcimónia, a modestia com a gravidade, a clemência com a justiça, e a benignidade com o respeito. Aproveytou-se do tempo, e não o tempo delle, fazendo que se não perdesse algum que merecesse restituição. Facilitou com mão Liberal as ciencias na ereção das Academias, adornou as artes, augmentou a cultura e enriqueceo o comércio. Conheceo a inconstancia da fortuna, preparando-se sempre (?) para atalhar os revezes da adversa; tão senhor de si em ambas que h̃a lhe servia de ensayo para a outra. Fes-se respeitar para com todos introduzindo a soberania pelo aspecto mais suave para que não fosse violento o sacrificio das vontades. Foi



1. Ouro Preto – Matriz de Nossa Senhora do Pilar – Nave elíptica – “Destinou-se para este lúgubre aparato e celebração das exéquias a Igreja de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto, freguesia a mais antiga das duas desta villa. He este templo de figura ovada por dentro, com 3 altares colateraes de cada lado, adornado todo com sua perfeição. Tem da porta principal athé o arco do coro 22 palmos de comprido e deste arco athé ao do Cruseyro ou capela-mor 88; de largo 55 e de altura do pavimento athé o tecto 58”. Trata-se (1751) talvez da mais antiga referência documental ao singular interior da Matriz do Pilar de Ouro Preto (Cf. “Breve descripção ...” localizada pelo historiador José Manuel Tedim.)



3. "Reprodução do Mauzoleu que mandou erigir o Dr. Mathias Ant^o Salgado, Vigr de S. João del Rey nas exéquias do FIDELISSIMO REY D. JOÃO o V que em alma descança" – A leitura da "Breve descripção" localizada recentemente na Biblioteca Nacional de Lisboa, pelo Professor José Manuel Tedim, faz supor acentuada analogia formal entre a "arquitetura do efêmero" concebida, em Vila Rica, por Francisco Xavier de Brito e a erguida na Matriz de São João del-Rei, dentro da mesma motivação, segundo projeto de Antônio Moraes Sarmento. – *Monumento do Agradecimento (...)* *Relaçam Fiel das Reaes Exéquias*, etc. Lisboa, 1751 (Da coleção reprográfica de Cristina Ávila).

EXEQUIAS
DO
EZECHIAS
PORTUGUEZ.
ELOGIO FUNEBRE, E HISTORICO
DO SERENISSIMO SENHOR
D. JOAÕ V.
REY DE PORTUGAL,
RECITADO

Nas sçlemniffimas bonras funeraes , que na Cathedral da Cidade Mariana fez celebrar o Senado da mesma Cidade , affistindo presentes o Excellentiffimo , e Reverendiffimo Bispo com o Illustriffimo Cabido , e Clero , e o mesmo Senado com a nobreza , e povo ,

P O R

FRANCISCO XAVIER DA SILVA,

Conego Prebendado na mesma Cathedral, em o dia 23 de Dezembro, tendo chegado a noticia do falecimento de Sua Magestade na dia 18 do dito mez do anno de 1750.



L I S B O A ,
Na Officina de MIGUEL RODRIGUES,
Impressor do Eminentiffimo Senhor Cardeal Patriarca.

MDCCLIII.

Com as licenças necessarias.

4. Página de rosto de *Exequias do Ezechias Portuguez*, Lisboa, MDCCLIII, "elogio funebre, e historico" pronunciado pelo sermoneista e poeta Francisco Xavier da Silva, no dia 23 de dezembro de 1750, na Cathedral da Cidade de Mariana nas solenidades exequiais em honra do rei morto, Dom João V (Da coleção reprográfica de Cristina Ávila).

fácil em ouvir os Povos para administrar-lhes justiça. Ouvia só para saber e perguntava para ser informado. Com o castigo de poucas ameaças a todos, e com o prémio de muitas, influíu em todos as esperanças. Ouvia aos seus ministros para aconselhar-se, consultando devagar para executar prompto. Vendo-se nobremente nas suas resoluções, primeyro os effeitos do que aplausos. Foy chamado o Magnânimo pela grandeza e heroicidade de suas ações e pela facilidade com que empreendia, conseguia, vencendo as mayores difficuldades. Attendeo ao estado com mão tão larga, que admirou o mundo, venerando sempre nelle aquella excelencia e primasia que lhe dá a Religião, fazendo respeitar esta com as suas armas não só no poderoso corroso que enviou contra o poder Otomano, mas por toda a parte do mundo em que assistio a soberba das heresias e illuminou a cegueira do gentilismo. Foy pay dos povos mostrando viver mais para elles do que para si. Constituindo-se finalmente por estas e outras virtudes Rey perfeyto em tudo e por isso mais amado e chorado de todos.

Estas e outras muitas causas forão o incentivo da pena e a justificada razão da magoa e para que se fizesse ainda mais manifesta a sua dor ordenou o Senado desta villa se preparasse hum rico e magnifico Mausoleo, em que se respeitasse igualmente a memoria na elevação do objecto, que se fizesse pública na ostentação a saudade que lhe consagravão os corações, cujo cuidado se encarregou ao insigne Architecto Francisco Xavier de Brito.

Destinou-se para este lúgubre aparato e celebração das exéquias a Igreja de Nossa Senhora do Pilar do Ouro Preto, freguesia a mais antiga das duas desta villa. He este templo de figura ovada por dentro, com 3 altares colateraes de cada lado, adornado todo com suma perfeição. Tem da porta principal athé ao arco do coro 22 palmos de comprido e deste arco athé ao do Cruseyro ou Capela-mor 88; de largo 55 e de altura do pavimento athé ao tecto 58.

Adornou-se em primeiro lugar o frontespicio exterior da mesma Igreja de panos negros dispostos com certos noz e festoens feytos com admirável artificio entre claro e escuro que suspendendo a vista satisfasia igualmente o entendimento.

No mais alto delle e bem no meyo estavam duas mortes com asas sustentando nas maos hum relógio de

area tambem com asas; verdadeira demonstração da volabilidade da vida humana, cujo fim hé a morte.

No meyo do Frontespicio debaixo de hum magestoso pavelhão de veludo negro se via hum meyo corpo ou busto de mármore, verdadeiro retrato do Serenissimo Rey D. João o 5º, em cujos lados se vião tambem de mármore duas estátuas com asas e clarins na boca em ação de tocalos que representavão a Fama como publicando a hum e outro polo do mundo as glórias do mesmo Serenissimo Rey defuncto.

Seguião-se logo por baixo dous meninos tambem de mármore que de hum e outro lado sustentavão hũa grande tarja na qual se lia em letras grandes a seguinte inscripção:

Joanni Quinto

Devotorum (?) Regi Fidelissimo

Europeo, Africano, Asiático, Américo

Magnifico, Pio, Felici In numeris que nominibus de identissimo (?)

etc.

Sahindo da mesma tarja, outra mais pequena em que se lia em grandes letras:

In omnibus ... etc.

Completando toda esta excelente perspectiva as Armas Reaes Portuguesas em hũa separada e grande tarja que cahia em cima da porta principal da Igreja.

Ao entrar da porta para dentro se via logo correspondentemente de hum e outro lado na extensão que comprehende o coro pela parte de baixo, hua armação de panos negros admiravelmente ligados com outros brancos, em forma de festoens de cujas pontas sahião com bellissima proporção várias borlas de bordadura e franjas de ouro, sahindo do meyo de cada lado hum especial encrespado de branco sobre negro de que pendião duas grandes tarjas em que se lia da parte direyta a seguinte inscripção:

Abis (?) miraculo

Joannes Quintus

(...) etc.

e da parte esquerda:

Virtutis (...) etc.

Corria a mesma armação entre claro e escuro a fechar, com diversidade de apanhados, o mesmo arco do coro, de que pendião, nas pontas, diversas borlas de ouro. Em o meyo delle se fazia hum laço de cujo encrespado sahia hũa caveyra prateada com asas de morcego, pendendo dellas hũa volta do mesmo branco, em que artificiosamente se segurava hũa tarja de 3 palmos de diametro pintada de claro-escuro com a letra:

Sceptra (...) etc.

e descendo a mesma armação para as pontas ou acentos do mesmo arco se vião nos capiteis sobre que se firmavão duas maiores tarjas igualmente pintadas entre claro-escuro com dous advertidos emblemas:

No da parte direita se figurava hum sol pintado entre nuvens com a letra: "Et late et lucet", manifestando-se nelle a singularidade com que o defuncto Rey, ainda entre as trevas da morte resplandecia igualmente para a memória e para o respeito.

No da parte esquerda se observava hũa morte curvada e por cima della voando a figura da Fama asas, com a letra: "Fama Suprestes (?)", mostrando-se que ainda podendo a morte roubarlhe a vida, lhe não amorteceo a glória.

Por baixo do mesmo coro em pouca distancia da entrada da porta principiavão os assentos para o coro dos sacerdotes que havião officiar, em comprimento de 50 palmos de cada lado em que havia tres ordens delles dispostos huns por cima dos outros, cobertos todos de panos negros com igual asseio que satisfação.

Do arco do coro para dentro corria em todo o corpo e ovado da Igreja com mais especialidade a armação, disposta igualmente sobre o preto e matisado branco, fazendo ao todo hũa tão excelente perspectiva que a mesma causa que satisfasia a vista e o entendimento, era a que supplicava mais a saudade. Estava integramente cuberta de negro, desde o pavimento athé à cimalha do tecto, sobindo, de toda esta, em roda huns apanhados e ondeados brancos de que artificiosamente cahia a mais armação para baixo.

Via-se por cima do arco principal do coro hum corno enlaçado de branco de que pendia hũa tarja de 5 palmos de diametro pintada tambem de claro-escuro, na qual se

via pintado o Rey e Deos Jano coroados e com dous rostos e hũa chave na mão, com a letra por baixo "Rex et Divus" e mais por baixo della outra "clauserat aeterna noxia bella sera", em cujo emblema se simbolisava a singularidade com que o Rey defuncto, como melhor Deos da paz fechou de hũa vez as portas do Templo. Desta tarja se seguia por baixo outra forma de prisão de que nascia hum encrespado de branco que cercava hũa caveyra prateada com asas e della hum ondeado que sustentava outra tarja de 7 palmos em que se vião pintadas tambem de claro-escuro as reaes Armas Portuguesas que ficavão pendentes no vão do mesmo coro.

Nas duas pilastras que ficavão de hũa e outra parte do coro se via em cada hum sua tarja de tropheos d'armas que sustentavão por cada lado dous meninos, pendendo do meyo della hum apanhado ou estofado de branco, em forma de pavilhão, com borlas de ouro nas pontas e, no meyo de cada hũa, hũa caveira com asas servindo-lhe de laço.

Seguia-se, logo, de hum e outro lado da Igreja as duas primeiras tribunas que ficão por cima das portas lateraes della, em o alto de cada hũa se via correspondentemente pender de hũa particular enlaçado de branco, hũa tarja, em que da parte direyta se via outro emblema, no qual se figurava a Ave Phenix, renascendo outra das mesmas cinzas em que se abrasava, com a letra: "Una ex alia", manifestando a felicidade dos portuguezes na vida do defuncto Rey, sendo tão gloriosas as suas acções, que de hũas nascião ou resurgião felizmente outras. E da parte esquerda se via outro emblema em que se via pintada a morte de hum Rey, em hũa caveyra coroadada, com a letra: "Extinctus vivere. fingit amor", figurando-se nelle o amor e veneração que radicava nos corações dos seus vassallos e com que lhe repetião os maiores obséquios ainda nos louvores da sepultura.

Por baixo de cada hũa destas tarjas pendião 3 caveyras prateadas com asas; hũa no meyo e duas nos lados, puco mais abaixo das quais se formava hum admiravel pavilhão de branco com borlas de ouro nas pontas, sahindo da concavidade delle hum excelente laço encrespado de que pendia sobre o vão de cada tribuna hũa pequena tarja que na da parte direita tinha a letra "Rumpit

notras(?)” e na esquerda se lia “Imminet hora”.

Por baixo destas duas tribunas se formarão quatro grandes coretos para música, dois de cada parte, hum superior ao outro, todos bellissimamente guarnecidos, de que pendião diversas tarjas de tropheos d’armas e correndo delles toda a armação a fazer hum excelente remate no arco inferior do coro do meyo do qual pendia hua grande tarja igualmente pintada em que se figurava outro emblema com a figura do Tempo, demonstrada em hum velho correndo com h’ça fouce na mão dyreita e na esquerda uma ampulheta dourada, com asas, e por cima de tudo h’ça coroa com ceptro, com a letra: “Illo sub rege, aurea secula”, manifestando as felicidades de Portugal renovadas na vida do Rey defuncto, os seculos de ouro na sua prudente administração.

Seguião-se às ditas primeiras tribunas as 2^{as} pilastras de h’ça e outra parte, vendo-se no capitel de cada hum, h’ça tarja de tropheos d’armas que sustentavão dous meninos e dela se formava outro excelente, ainda que diverso pavilhão, no centro do qual se via hum esqueleto engenhosamente pintado de perspectiva recostado com madeira com asas de morcego, segurando com a mão direyta h’ça das cortinas que sahião do pavilhão real, que cobria o túmulo no centro da Igreja e com a esquerda h’ça pequena tarja com as Armas Reaes Portuguesas e por baixo dellas, de h’ça e outra parte vários tropheos d’armas.

No alto das 2^{as} tribunas que se seguião de h’ça e outra parte, se via pender da cimalha do tecto h’ça grande tarja igualmente pintada de claro, escuro, em que se via na da parte direita hum emblema, em que se figurava o simulacro de Minerva com ceptro na mão esquerda e na direyta h’ça coroa de louro e outra na cabeça, sentada em hum thono formado sobre hum ceo estrelado com a letra: “Sapiens administratur atris (?)”, manifestando a sabedoria do defuncto Rey e o particular cuidado que tem nas ciências erigindo Academias, recebendo e offerecendo coroas de louro aos que as merecião. Na da esquerda se via outro emblema em que se figurava a Fortuna com asas e posta com hum só pé em h’ça roda, com a letra “(?) in inconstantia”, simbolizando a particularidade e magnimidade do defuncto Rey com que soube fazer perpétua a sua felicidade suspendendo na roda da fortuna a

inconstancia em que se firma. Por baixo de h’ça e outra tarja se vião outras caveyras prateadas igualmente dispostas como as das primeiras tribunas, ainda que com diversidade de armação, pendendo do meyo dellas h’ça tarja pequena ao vão da tribuna, em que se lia na da parte direita “Nemini parcit” e na da parte esquerda “Sempre adest”.

Por baixo destas 2^{as} tribunas ficavão os dous primeiros altares da Igreja igualmente cobertos de negro, sahindo das mãos de dous meninos que estavam nos remates de cada altar huns apanhados brancos, que vinhão de cima, com que bellissimamente se adornava toda a face de cada altar, estando na parte mais alta e meyo de cada hum, h’ça caveyra com asas e coroada, das quais sahião huns grandes apanhados, de que pendião os escudos Portugueses que cahião do meyo dos altares.

Nos capiteis das 3^{as} pilastras de h’ça e outra parte se vião outras tarjas de tropheos d’armas sustentadas igualmente por dous meninos, sahindo artificiosamente de cada h’ça hum pavilhão de brancos, que cobria h’ça pequena figura de vulto dourada vestida à heroica que serve de último remate na cupula de cada hum dos pulpitos, tendo cada h’ça dellas sua palma na mão direita e na esquerda h’ça inscripção, que na figura da inscripção do lado direyto dizia: “ductus (?) at Palma florebit” e na da esquerda se lia: “Illi justitiq palmam dadunt (?)”. Vião-se igualmente os mesmos pulpitos cobertos de negro, estando só a cúpula dellas adornada com festoens brancos, de que pendião diversas borlas de ouro.

Por cima das 3^{as} tribunas pendendo da cimalha do tecto se via em cada h’ça sua tarja em que se figurava hum emblema com h’ça Palmeira, cheias as palmas de corvos, com a letra: “Crescit et frutificat”, simbolizando o acerto das acçoens do defuncto Rey, que ao mesmo tempo que nacião e se obravão já em si levavão o preçario e coroa do merecimento dellas. No da parte esquerda se via pintado o Rio Tejo em hum total socego cheyo de navios com a letra: “Et Currit et quiepcit(?)”, manifestando a gostosa quietação com que só corre a receber os fructos da paz de que o encheo a prudente administração do defuncto Rey.

Por baixo destas tarjas pendião diversos apanhados de branco com outras caveyras prateadas, do meyo das

quais pendia outra mais pequena tarja que sahia no vão das tribunas, lendo-se na da parte direyta: "Nullibi quiepcit (?)", e na da esquerda: "Non discernit". Por baixo destas tribunas ficavão os 2^s altares igualmente adornados como os primeiros pendendo tambem no meyo delles outros escudos de armas reaes.

Seguia-se os 3^s pilastrões de h̄fa e outra parte em cujos capiteis estavam outras tarjas de tropheos d'armas sustentadas por meninos de que nacião diversas formas de pavilhoens brancos com borlas de ouro, que em h̄fa e outra parte servião como docéis a outros dous esqueletos de corpos inteiros que correspondião em tudo aos dous que estavam nos 2^s pilastrões e sustentavão todas as 4 cortinas do pavilhão real que cobria toda a fábrica do meyo da Igreja.

A esta se seguião as 4^s e ultimas tribunas de h̄fa e outra parte em que se via igualmente sahir por cima dellas na cimalha do tecto outras grandes tarjas como as demais em que na da parte direita se figurava hum emblema em que se via hum templo magnifico, com a letra "Dat et recepit (?)", manifestando-se nelle a magnificência com que o defuncto Rey edificou e engrandeceo tantos, dando glória a Deos, inscrebendo-a na grandeza e na piedade. No da parte esquerda se via outro emblema figurado em h̄fa oliveyra combatida dos ventos permanecendo sempre imóvel, com a letra "Immobilis dunc ceditas (?)", simbolizando o inalterável systema com que o defuncto rey conservou sempre na paz os seus domínios apesar de todas as diligências com que se pretendeo perturbar.

Por baixo das ditas tarjas pendião engenhosamente outras caveyras que formavão outros diversos apanhados em nós e encrespados admiráveis do meyo dos quaes sahião sobre vãos de cada h̄fa das ditas tribunas outras pequenas tarjas em que se lia da parte direyta: "omnia desuquit (?)", e na da esquerda: "Altiora petit (?)". Por baixo destas tribunas ficavão os 3^s e últimos altares com os mesmos meninos que sustentavão admiravelmente a armação dellas e no meyo ficavão caveyras coroadas de que pendião como nas outras os Escudos das armas reaes.

Entre estas últimas tribunas e o arco da capela-mor estavam os 3^s pilastrões nos quaes havia tãobem outras tarjas de tropheos d'armas de que especiosamente sahia

para as mesmas tribunas e para o dito arco da capela-mor toda a armação que nelle fechava com admirável proposição e enlevo dos olhos. Pendia por cima delle, da cimalha do tecto, h̄fa grande tarja em que se figurava hum emblema com hum sol iluminando todo o globo da terra, com a letra: "At lucet et vigilat", em que se exprimia a perspicaz providência, com que o defuncto rey administava o governo em todos os Reynos do seu dominio sujeitos nas 4 partes do mundo. Por baixo da dita tarja pendia h̄fa caveyra das asas da qual sahião huns estofados de branco, de que pendião com sua grande tarja as reaes armas Portuguesas.

Da parte interior deste arco em que se formou hum altar portátil, se via hum magnífico docel de brocado roxo com seo espaldar de veludo preto e nelle figurado hum manto branco em que se manifestavão as insignias das 3 ordens militares de que fora Grão-Mestre o defuncto Rey. Cahia o dito espaldar sobre o altar, que estava adornado de castiças e cruz de prata, com frontal de veludo preto, como todos os mais lateraes.

No pavimento e centro desta Igreja se formou hum supedaneo de 3 degraus de palmo cada hum, com 32 palmos de largo e 38 de prolongo, ficando na sua circunferência com h̄fa figura quase ovada, seguindo a proporção da Igreja.

Fazia esta figura 4 engras que resalteavão os degraus para dentro, em cada h̄fa das quaes se formava h̄fa columna da ordem compósita, fingindo mármore preto com veyos brancos, com pedestaes na mesma igualdade; dourados os capiteis e vasos fingindo bronze, com 20 palmos de pé direyto que com os 3 do supedâneo fazião a altura de 23.

Recebia cada h̄fa destas columnas h̄fa quartela, que todas fechavão pelo prolongo na distância de 14 palmos, e (?) pelo largo, em cujas distâncias se figurava o corpo de sua laje fingindo mármore preto. Sobre ella se fingia o túmulo e depósito do corpo do Rey defuncto, o qual estava coberto com hum pano de veludo engenhosamente franjado e agaloado de ouro, de que pendião várias borlas do mesmo. Por cima delle se via hua grandiosa almofada de veludo recamada também de ouro, em que se sustentavão as insignias Reaes de Coroa, Ceptro e Bastão de comando.

Em os quatro lados agudos da dita laje, que recebiam as quatrelas, estavam 4 meninos fingidos de mármore branco de comprimento de 3 palmos de diametro, artificialmente feytos, tendo cada hum seo lenço aplicado aos olhos com ação e demonstrativa da pena, e juntamente hã apropriada inscripção, que nos dous da face principal erão: "Augustia sunt mihi indique"; "Lacrimis meis stratum merem rigado"(?), e nos de outra face que correspondia à capela-mor erão: "Super hoc plangam et ululabo"(?); "Videce sic te dolor, sicut dolor meus".

No bojo ou ovado das quartelas que recebiam as columnas estava, em cada hã, hum esqueleto de estatura natural sentado sobre ellas, tendo na mão direyta cada hum sua fouce prateada e na esquerda seos escudos com inscripções, que nos primeiros que ficavão na frente se lia "Ecce Rex tuus", "Ecce Rex Voster" e nos que ficavão no lado interior se lia "Numque nom iste est David Rex terrae"(?); "Mortus est autem Rex".

No centro das 4 columnas se via formada hua admirável Pyramide, ou obelisco no alto do qual se via hum nobilissimo cofre ou urna como depósito das cinzas. Tinha este corpo de alto 20 palmos e na sua maior largura ou comprimento 13.

Sustentavão no ar esta máchina sobre os hombros 4 figuras vestidas à heróica com roupas brancas, figurando-se nellas as 4 partes do mundo a que se estende o dominio lusitano, tendo cada hã a seos pés aquelle bruto que as distingue. Erão as da frente a Europa e Ásia, vendo-se nesta, pela Religião illuminada a cegueyra da Ásia, e naquella pela soberania surgindo no touro o poder da Europa. As da frente contrária erão a América e a África, observando-se nestu domada no leão a fereza da África e naquella domesticada no tigre a barbaridade da América, mostrando todas sentir igualmente o golpe que por ellas se repartia.

Nos vaons entre estas figuras se vião 4 esqueletos naturaes cobertos de fumo preto, trassados de tal forma que de todos os lados se lhes via o organizado do corpo e seo interior, vendo-se nelles verdadeiramente, como em próprias, e não pintadas figuras, o estado a que nos reduz a separação da vida e duplicado o horror da Morte. Erão todos de estatura ordinária e no que ficava fronteiro à

porta se vião pisadas, coroas, ceptros e tropheos de armas, com uma fouce prateada na mão direyta e na esquerda a Inscripção: "Oras (?) moriemus".

Ficava esta máchina levantada sobre as figuras 4 palmos, sendo toda ella fingida de pedra mármore preto, admiravelmente imitada. Nas 4 engras do primeiro corpo que formava se vião sentada 4 virtudes, em que mais resplandece o defuncto Rey, fingindo todas mármore branco, fazendo sobre o preto admirável perspectiva.

Na frente, da parte direita daquelle corpo se via expressa a Fé em acto devoto olhando para hã Cruz que tinha na mão direyta, com a qual se dava a conhecer a viva fé que professou o Serenissimo Rey defuncto, e procurou dilatar por todos os seos dominios, na esquerda se figurava hã livro, pendendo da mesma hã tarja em que se lia: "Dabitur (?) die Fidei domum electum"(?), no lado esquerdo se via igualmente outra que representava na espada e balança a Justiça com que o defuncto Rey governou em paz os seos países espalhados por todo o mundo, com a letra: "Justitia tua, justitia in aeternum".

Na frente que correspondia ao altar-maior se via da parte direyta a Prudência com a divisa das Cobras na mão, manifestando o particular exercicio desta virtude no Serenissimo Rey defuncto, como primeiro principio de todos os acentos do seo governo e como mestra delle vendo-se-lhe na mão esquerda outra pequena tarja, em que se lia: "prudentiam tuam"(?). No lado esquerdo se divisava a Caridade Divina na chama ardente que na mão se via e os olhos no Ceo significando o amor com que o Serenissimo Rey defuncto se prostou para com Deos na observância da sua ley. E no Pelicano, que aos pés tinha, ferindo com o bico o próprio peito dava o sangue aos filhos, se representou a Charidade do Próximo e dispendios que fez com os pobres e com a Religião no augmento das Missoens, para a redenção das almas no grêmio da Igreja, lendo-se na tarja que tinha na mão esquerda: "Charitas ejus in nobis perfecta est".

Deste primeiro corpo se formava hum ovado nos lados que acabava em 4 engras, de que se formava o 2º corpo, vendo-se nas 4 pontas delles, sentados, 4 meninos de vulto, fingindo mármore branco com diversas acções sentidas, propriamente feitos, tendo cada hum delles sua

inscrição em que nos primeiros da frente se lia: "Ced quid aiam? (?) Silocatus fuera, monquiquet dovoi meus ...(?)".

Nos da outra, frente ao interior da Igreja se lia: "Frigitia mihi magua ...(?)".

Continuavão outros diferentes corpos com diversa e bellissima architectura correndo sempre em agudo athé completar com hum admirável cofre, como eterno depósito das cinzas, fingindo tãobem mármore preto no seo faciado, fazendo o mais campo delle hã excelente vista de mármore amarelo lavrado de ouro com igual proporção que riqueza.

Toda esta lúgubre máchina tanto do obelisco ou Pira, como do túmulo real, estava debaixo de hum rico Pavelhão de brocado roxo, o qual sustentava em hã de suas garras a serpente, tímbr dos escudos portugueses, que se formava de vulto proporcionado junto ao tecto da Igreja, tendo na outra o escudo das mesmas armas. Sahião do mesmo pavilhão 4 grandes cortinas de veludo negro lavrado cada hã de comprimento de 50 palmos cujas pontas hião a buscar as 4 pilastras da igreja, aonde erão sustentadas pelos 4 esqueletos de vulto de que já se fez menção.

Nos 4 cantos do túmulo, postos no pavimento se vião chiveyros de luzes em grandes tocheiros que sem outras mays luzes alguas que as dos altares fazião hã nobre proporção e vista agradável em desprezo daquella antiga multiplicidade de luzes que justamente aboliu o costume que os improporcionada (sic). Seguio tudo a grandesa da Igreja que não admitia mais desafogo e perfeção na obra, nem a possebilidade de hã terra recém nacida, e mediterranea, podia concorrer a satisfazer deveres que fossem pública demonstração da mágoa.

Esta, em breve descripção, foi a Fábrica triste que esta vila, cabeça de todas as das Minas, em que reside o governo dellas, erigio à saudosa memória do Serenissimo Rey D. João o 5º, Senhor Nosso, de que hé creatura do anno de 1710 (?-sic), e se não excedeo pela grandesa, ao menos pela mágoa e sacrificios dados, excedeo a todos os

obeliscos e pyramides que mais levantou no mundo da vaidade, do que a pena, e por isso tão caduceos, que apenas lhe conserva o tempo a memória, quando neste fabricado só pela medida da dor; se fará eterna a saudade.

Feytas as ceremonias de quebrar os escudos pelas ruas seguido o antigo ritual Portuguez cujo acto se faz nas 3 praças mais publicas desta villa, com a maior demonstração de sentimentos e disposto tudo pera a celebração das reaes exéquias se destinou para ellas o dia 7 de Janeyro do presente anno, em que cantou a missa de requiem o reverendo Vigário da mesma Igreja, sendo nella seos acólitos os Reverendos Vigários do Ouro Branco, com todo engenho e com capas do officio. Alem destes os Reverendos Vigários da Itatiaya, e selebraram recitando elegantemente a oração fúnebre o Reverendo Manoel da Encarnação do (?). Por 4 ajustados coros de vozes e instrumentos, em número de 50, foy cantado hã particular officio em que se lançarão oitenta e tantos sacerdotes de que se compunha o coro. Assistio o ouvidor geral da comarca com os juises, e da câmara em corpo unido e com elles a maior parte da nobreza, que tinha servido a República, tudo com capas compridas e varas pretas, cujo corpo honrava todo o lado esquerdo da Igreja, ficando da outra parte della, e nas tribunas, e coro, em grande número, as mais pessoas distintas que havia na terra. Manifestarão todos, no silêncio com que assistirão, a inexplicável mágoa que sentião nos coraçoes.

Com esta sumptuosidade se clebrarão ao Senhor D. João o 5º as honras funeraes que durarão das 9 horas da manhã athé perto das 5 da tarde, sendo mais admiráveis pelo pranto que pela grandesa, pois, sendo hum o sepulchro forão muitos os altares, que nos peitos fabricou a mágoa, em que melhor se repetiram sempre os sacrificios da Saudade, sem que se possão consumir no fogo dellas, as memórias que seram eternas, por gloriosas.

B. N. L. – Reservados – Cod. nº Mss 5, nº 9 – Microfilme – F 2531